

## UTILIZAÇÃO DE PLANTAS NA VETERINÁRIA POPULAR NO SEMIÁRIDO DA PARAÍBA, NORDESTE DO BRASIL

Amabile Arruda de Souza e Silva<sup>1</sup>  
Suellen da Silva Santos<sup>2</sup>  
Ezequiel da Costa Ferreira<sup>3</sup>  
Thamires Kelly Nunes Carvalho<sup>4</sup>  
Camilla Marques de Lucena<sup>5</sup>  
Guilherme Muniz Nunes<sup>3</sup>  
Vital José Pessoa Madruga Filho<sup>3</sup>  
Rodrigo Farias Paiva de Lucena<sup>6</sup>  
Reinaldo Farias Paiva de Lucena<sup>7</sup>

**RESUMO:** O tratamento de animais doentes com utilização de remédios tradicionais no semiárido nordestino é uma prática antiga e bem difundida nas comunidades rurais do Nordeste. Nesse contexto, esse estudo teve como objetivo registrar o conhecimento e uso de plantas da Caatinga para fins veterinários em duas comunidades rurais nos municípios de Remígio e Solânea, Curimataú da Paraíba (Nordeste, Brasil). Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), exigido pelo comitê de ética em pesquisa (CEP/HULW nº 297/11). Um total de 73 pessoas citaram o uso de plantas para cura de animais, onde 40 eram homens e 33 mulheres. Na análise dos dados coletados fizemos uma correlação entre gêneros e entre os VU (Valor de Uso) calculados com o coeficiente de correlação de Pearson. O valor de uso foi calculado por meio dos cálculos:  $VU_{\text{atual}}/VU_{\text{potencial}}/VU_{\text{geral}}$ . Foram registradas 16 espécies, 15 gêneros e 11 famílias, 26 indicações terapêuticas e 110 citações de uso. A parte da planta mais usada nas comunidades foi a casca. O uso terapêutico mais indicado foi para lavagem uterina pós-parto em Remígio, e gogo de galinha em Solânea. A espécie de maior  $VU_{\text{geral}}/VU_{\text{atual}}/VU_{\text{potencial}}$  foi *Cynophalla flexuosa* (L.) J. Prese. Os VU nas duas comunidades apresentaram correlações significativas ( $p < 0,0001$ ), não sendo encontrada entre os gêneros ( $p > 0,05$ ) em Remígio. Já em Solânea houve correlação entre  $VU_{\text{potencial}}/VU_{\text{atual}}$  ( $p < 0,0001$ ). A principal geração de conhecimento foi vertical com 56% em Solânea e 65% em Remígio. 45% das pessoas em Remígio e em Solânea não ensinam seu saber. Conclui-se que se faz necessário a realização de estudos para comprovar cientificamente o potencial médico dessas espécies em laboratório, já que as mesmas são constantemente utilizadas na zona rural do semiárido brasileiro.

**Palavras Chave:** Etnoveterinária, Semiárido, Populações Tradicionais

<sup>1</sup> Graduada em Medicina veterinária - UFPB

<sup>2</sup> Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente - UFPB

<sup>3</sup> Mestrando em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UFPB

<sup>4</sup> Doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente - UFPB

<sup>5</sup> Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UFPB

<sup>6</sup> Pesquisador associado ao Laboratório de Etnobiologia e Ciências Ambientais. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Sistemática e Ecologia

<sup>7</sup> Docente. PRODEMA e Laboratório de Etnobiologia e Ciências Ambientais. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Sistemática e Ecologia. rluca@se.ufpb.br (autor correspondente).

---

**ABSTRACT** (USE OF PLANTS IN POPULAR VETERINARY IN THE SEMIARID OF PARAÍBA, NORTHEAST OF BRAZIL) - The treatment of sick animals using traditional medicine at the Northeastern semi-arid is an old practice and widespread practice in rural communities in the northeast. In this context, this study recorded the knowledge and use of plants from caatinga for veterinary purposes in two rural communities in the cities of Remígio and Solânea, Curimataú region of Paraíba state (Northeastern, Brazil). Semi-structured interviews were carried out and the informants were asked to sign the Free Consent Term required by the Ethics and Research Committee (CEP/HULW n. 297/11). A total of 73 people cited the use of plants for healing animals, where 40 were men and 33 women. To analyze the data collected, we did a correlation between gender and VU (Use Value) calculated using the Pearson correlation coefficient. The VU was calculated using three calculations:  $VU_{\text{atual}} / VU_{\text{potencial}} / VU_{\text{geral}}$ . 16 species, 15 genera, 11 families, 26 therapeutic indications, and 110 citations were recorded. The part of the plant most used in the two communities was the bark. The most indicated therapeutic use was for postpartum uterine lavage in Remígio, and chicken cough in Solânea. The species of greater  $VU_{\text{general}} / VU_{\text{current}} / VU_{\text{potential}}$  was *Cynophalla flexuosa* (L.) J. Prese. The VUs at the two communities showed significant correlations ( $p < 0,0001$ ), being not found between genders ( $p > 0,05$ ) in Remígio, but in Solânea there was correlation between  $VU_{\text{potential}} / VU_{\text{current}}$  ( $p < 0,0001$ ). The main knowledge generation was vertical with 56% in Solânea and 65% in Remígio. 45% of people in Remígio and Solânea do not teach their knowledge. We conclude that it is necessary to prove scientifically the medical potential of these species in the laboratory, since they are constantly used in the rural area of the Brazilian semi-arid region.

**Key words:** Ethnoveterinary, Semi-arid, Traditional populations.

## INTRODUÇÃO

A preocupação dos seres humanos com a saúde e bem-estar animal remontam a antiguidade, onde os primeiros rebanhos começaram a ser organizados e a perda desses animais levava a sérias consequências, tais como a falta de alimento e meios de transporte, algo essencial na época (BARBOZA et al., 2010). Os medicamentos naturais eram amplamente aplicados tanto em animais quanto em humanos, pois não existia uma divisão entre medicina humana e animal (VAN VEEN, 1998).

Estabeleceu-se, nesse contexto, uma medicina única, animal e humana, através da aprendizagem por tentativa, acerto e erro, a qual é estudada por uma ciência denominada etnoveterinária (TOYANG et al., 2002). A expressão teve origem no Brasil na década de 1980 por McCorkle (MCCORKLE; EVELYN MATHIAS-MUNDY, 1992; BARBOZA et al., 2007) consistindo na combinação do conhecimento, prática, crenças e tratamentos populares visando à cura de animais. A matéria-prima para a fabricação dos medicamentos podem ser de origem vegetal (PASSALACQUA et al., 2006; MONTEIRO, 2011; BRITO

---

JUNIOR et al., 2010), mineral (ALAWA et al., 2002; TOYANG et. al., 2002) ou animal (BARBOZA et al.; 2007; ALVES et al., 2008; SOUTO et al., 2011a), contudo, Toyang et al., 2007 consideram a primeira de maior relevância.

Dentro desse contexto, pesquisadores vêm realizando pesquisas e documentando esse uso na região Nordeste do Brasil, a exemplo de Alves (2008), que registrou 23 espécies de animais utilizados com propósitos medicinais para a fauna, apresentando 25 indicações terapêuticas e, Albuquerque (2006) relata um total de 48 fitoterápicos servindo para 29 indicações terapêuticas e tratamento de animais. Número que atualmente vêm obtendo aumento gradativo com o crescente desenvolvimento de pesquisas etnobotânicas (CARVALHO et al., 2012; GUERRA et al., 2012; SILVA et al., 2014; MAIA et al., 2016; LIMA et al., 2016; LUCENA et al., 2017) e etnozoológicas (CONFESSOR et al., 2009; SOUTO et al., 2011a,b).

Apesar disso, ainda são necessárias mais pesquisas desenvolvidas na área do uso de fitoterápicos na etnoveterinária brasileira (BARBOZA et al., 2007), e isso muitas vezes influencia o profissional veterinário quanto a essas técnicas com uso de medicamentos tradicionais, pois não existem informações científicas válidas sobre o produto natural a ser usado no tratamento (ALMEIDA et al., 2006). Por conta disso, as práticas médicas modernas baseadas na utilização da medicina alopática estão levando a prática etnoveterinária ao esquecimento (ALMEIDA et al., 2006).

Nesse contexto, a presente pesquisa objetivou registrar e comparar as espécies consideradas fitoterápicos no tratamento de enfermidades dos animais em comunidades rurais dos municípios de Solânea e Remígio, ajudando na construção de um inventário de plantas para uso etnoveterinário no estado da Paraíba, podendo servir como base para pesquisas científicas futuras e contribuir para a seleção de alternativas naturais de tratamento veterinário.

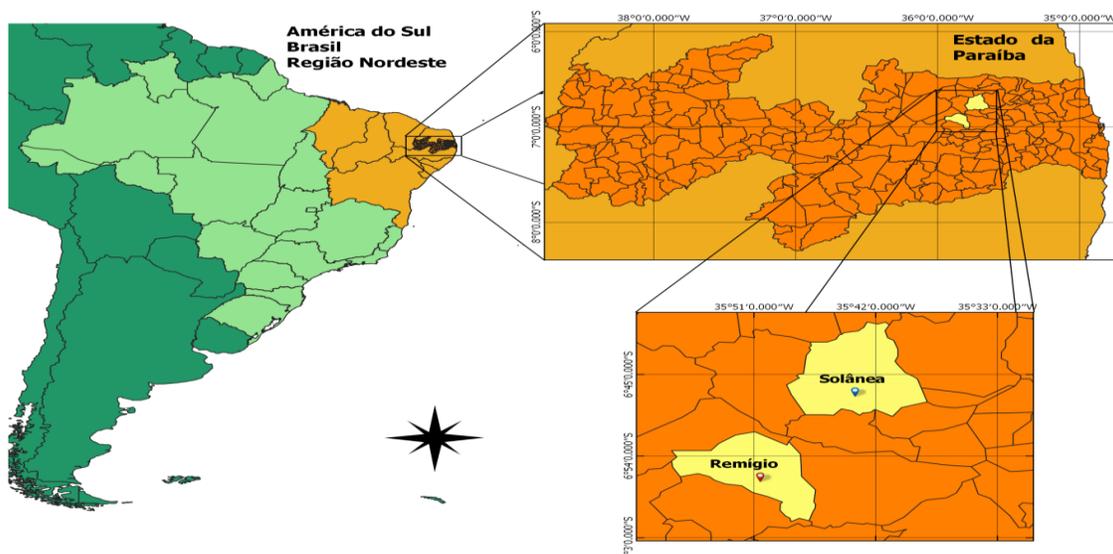
## MATERIAIS E MÉTODOS

### Área de estudo

A pesquisa de campo foi realizada nas comunidades rurais de Coelho, no município de Remígio, e Capivara em Solânea, ambas na região do semiárido do estado da Paraíba.

O município de Remígio está localizado na mesorregião do Agreste e microrregião do Curimataú Ocidental (Figura 1). Apresenta uma área territorial de 178 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 98,77 hab./Km<sup>2</sup> (IBGE, 2010), dista, aproximadamente, 157 km da capital do Estado, João Pessoa. A economia predominante é a da subsistência, com destaque para a cultura do milho e feijão. Na pecuária tem o destaque na criação de caprinos e ovinos, sendo também criados bovinos. A vegetação é formada por Florestas Subcaducifólica e Caducifólica. A comunidade Coelho está situada a aproximadamente oito quilômetros do centro urbano. Na localidade a agricultura é pouco desenvolvida, a maior parte tem sua renda familiar advinda de trabalhos na zona urbana do município e das aposentadorias.

Figura1: Mapa com a localização dos municípios de Remígio e Solânea, Paraíba, Nordeste do Brasil.



---

O município de Solânea localiza-se na mesorregião do Agreste e microrregião do Curimataú Oriental (Figura 1). Sua área territorial equivale a 232, 094 km<sup>2</sup>, densidade demográfica de 115,01 hab/ Km<sup>2</sup>, distante 138 km da capital do Estado, sendo o acesso feito, a partir de João Pessoa, pelas rodovias BR 230/BR 041/PB 105 (IBGE, 2010). A economia do município baseia-se na agricultura e pecuária, tendo com principais produtos agrícolas, o milho, feijão e mandioca, e na pecuária destacando-se os rebanhos de bovinos, caprinos e ovinos. A vegetação é formada por Florestas Subcaducifólica e Caducifólica, próprias das áreas agrestes (IBGE, 2010). A comunidade Capivara dista, aproximadamente, 15 quilômetros do centro urbano. Os atores sociais residentes nela tem como prática a agricultura de subsistência, com destaque para cultivo de sequeiro, destacando-se o milho e feijão. Na pecuária, a criação de bovinos, caprinos e ovinos.

### **Coleta de Dados**

O trabalho de campo foi realizado de agosto de 2011 a junho de 2012, visitando-se todas as residências locais. Assim, foram entrevistados um total de 154 chefes domiciliares, 112 informantes (53 homens e 59 mulheres) em Solânea, e 42 (18 homens e 24 mulheres) em Remígio.

A coleta dos dados foi realizada em duas etapas em ambas as comunidades. Na primeira foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais através de um formulário que envolveu perguntas relacionadas ao conhecimento dos informantes sobre o uso das plantas encontradas na região, utilizações, partes utilizadas e finalidade utilitária, por exemplo. Na segunda etapa foi realizada uma nova leitura dos dados consistindo em ler o elenco das plantas mencionadas na primeira etapa visando a obtenção de mais informações que pudessem não ter sido citada no primeiro momento. As duas etapas foram realizadas com aplicação de listas livres e diálogos informais (ALBUQUERQUE et al., 2010a)

---

Antes de iniciar as entrevistas, todos os informantes foram explicados sobre a pesquisa e em seguida convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido pelo Conselho Nacional de Saúde por meio do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/HULW nº 297/11). O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), do Hospital Lauro Wanderley, da Universidade Federal da Paraíba, registrado com protocolo CEP/HULW nº 297/11. As plantas coletadas foram herborizadas, identificadas e encaminhadas e incorporadas ao Herbário EAN (Jaime Coelho de Moraes), da Universidade Federal da Paraíba no Campus de Ciências Agrárias.

### **Análise de dados**

O valor de uso (VU) foi calculado a fim de quantificar a importância local de uma espécie, na visão dos entrevistados, por meio da fórmula proposta por Rossato et al., (1999):  $VU = \sum U_i/n$ . Onde: VU = valor de uso da espécie;  $U_i$  = número de citações de uso da espécie mencionada por cada informante; n = número total de informantes.

Porém, no presente estudo, o VU foi calculado com base na proposta de Lucena et al., (2012), que leva em consideração os usos atuais e potenciais, sendo o último baseado no conhecimento sobre o potencial de uso.  $VU_{atual} = \sum U_{i_{atual}}/n$ . Onde:  $VU_{at}$  = valor de uso atual da espécie;  $U_i$  = número de citações de uso atual da espécie mencionada por cada informante; n = número total de informantes e  $VU_{potencial} = \sum U_{i_{potencial}}/n$ . Onde:  $VU_p$  = valor de uso potencial da espécie;  $U_i$  = número de citações de uso potencial da espécie mencionada por cada informante; n = número total de informantes.

A interpretação dos dados coletados a partir dos valores de uso (geral/atual/potencial) e das diferenças entre homens e mulheres com relação as espécies, nas duas comunidades, foi realizada por meio do coeficiente de correlação de Pearson, onde seu resultado é representado pelo valor de r que pode variar de -1 a 1, onde numerações próximas a zero indicam ausência de relação entre as variáveis em questão (Albuquerque et al., 2010b).

---

## RESULTADOS

Foram registradas 16 espécies, 15 gêneros e 11 famílias usadas para fins veterinários nas duas comunidades, servindo para o tratamento de 26 doenças reconhecidas conforme o diagnóstico popular. No município de Solânea, nas entrevistas com os 59 informantes, registraram-se 90 citações para as 16 espécies usadas, e em Remígio, 14 informantes atribuíram 20 citações a 07 espécies que são utilizadas na medicina veterinária popular, totalizando 110 citações de uso, onde 58% foram descritas por homens e 42% por mulheres.

Em Solânea, as famílias que receberam o maior número de espécies citadas foram Fabaceae (04 espécies) e Euphorbiaceae (03 espécies), as demais tiveram apenas uma espécie reportada. Em Remígio, todas as famílias só obtiveram uma espécie citada. Apesar desse fato, a espécie com maior importância utilitária pertence à família Capparaceae (tabelas 1 e 2).

O  $VU_{\text{geral}}$  na comunidade Coelho variou entre 0,02–0,21. As espécies de menor importância nas citações foram *Bauhinia cheilantha* (mororó), *Aspidosperma pyriformium* (pereiro), *Jatropha mollissima* (pinhão brabo) e *Maytenus rigida* (bomnome), todas com  $VU_{\text{geral}} = 0,02$  (tabela 2).

Na Comunidade Capivara, o  $VU_{\text{geral}}$  variou de 0,008–0,36. Apresentando baixo valor de uso *B. cheilantha*, *M. rigida*, *Poincianella pyramidalis* (catingueira), *Commiphora leptophloeos* (imburana), *Coutarea hexandra* (quina-quina), *Sideroxylon obtusifolium* (quixabeira) e *Croton rhamnifolius* (velame), ambas com  $VU_{\text{geral}} = 0,008$ .

A espécie medicinal de maior importância, em ambas as comunidades, foi *Cynophalla flexuosa* (feijão-bravo) ( $VU_{\text{geral}} = \text{Capivara} - 0,36; \text{Coelho} - 0,21$ ), sendo que grande parte das citações de uso em Capivara foram realizadas por homens e em Coelho, se destacaram as citações das mulheres.

Em relação ao valor de uso atual e potencial, a mesma espécie também apresentou maiores valores em Capivara, onde obteve  $VU_{\text{atual}} = 0,31$  e  $VU_{\text{potencial}} = 0,05$ , e em Coelho,  $VU_{\text{atual}} = 0,08$  e  $VU_{\text{potencial}} = 0,13$  (Tabela 3).

Os valores de uso nas duas comunidades apresentaram correlações significativas ( $p < 0,0001$ ). Nenhuma diferença significativa foi notada em Remígio nas comparações realizadas entre  $VU_{\text{geral/atual/potencial}}$  ( $p > 0,05$ ). Já em Solânea, houve diferença significativa tanto no  $VU_{\text{geral}}$  vs.  $VU_{\text{potencial}}$  como, no  $VU_{\text{geral}}$  vs.  $VU_{\text{atual}}$  ( $p < 0,0001$ ). Comparamos o  $VU_{\text{geral/atual/potencial}}$  entre os gêneros masculino e feminino nas duas comunidades e todos eles apresentaram correlação significativa ( $p < 0,0001$ ).

**Tabela 1:** Espécies vegetais utilizadas na comunidade Capivara localizada em Solânea, Paraíba (Nordeste, Brasil). **Parte usada** – C: Casca, E: Entrecasca, F: Folha, L: Látex.

Nome Vernacular, Espécie e N° Herbário	Parte usada	$VU_{\text{geral}}$	Citações gerais	Homens	Mulheres
Angico					
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan (17630)	C	0,034	4	1	3
Aroeira					
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão (17632)	C e E	0,013	14	6	8
Bom-nome					
<i>Maytenus rigida</i> Mart.	C	0,008	1	0	1
Catingueira					
<i>Poincianella pyramidalis</i> Tul. (17234)	C	0,008	1	0	1
Cumarú					
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm. (17638)	C	0,017	2	0	2
Feijão-bravo					
<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Prese (17583)	C, E e F	0,365	41	27	14
Imburana					
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillet	L	0,008	1	0	1

João mole <i>Thiloa glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler	C e F	0,07	8	5	3
Juazeiro <i>Ziziphus joazeiro</i> Mart. (17575)	C	0,016	2	2	0
Marmeleiro <i>Croton blanchetianus</i> Baill. (17249)	C	0,026	3	2	1
Mororó <i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud. (17648)	C	0,008	1	1	0
Pereiro <i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart. (17566)	C e E	0,052	6	3	3
Pinhão bravo <i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill. (17578)	L	0,025	3	2	1
Quina-quina <i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	C	0,008	1	1	0
Quixabeira <i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem & Schult.) T. D. Penn.	C	0,008	1	1	0
Velame <i>Croton rhamnifolius</i> Kunth.	C	0,008	1	1	0

**Tabela 2:** Espécies vegetais utilizadas na comunidade Coelho localizada em Remígio, Paraíba (Nordeste, Brasil). **Parte usada** – C: Casca, E: Entrecasca, F: Folha, L: Látex.

Nome Vernacular e Espécie	Parte usada	VU <sub>geral</sub>	Citações gerais	Homens	Mulheres
Aroeira <i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	C e E	0,13	5	1	4
Bom-nome <i>Maytenus rigida</i> Mart.	C	0,02	1	0	1
Feijão-bravo <i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Prese	C e E	0,21	8	2	6

João mole					
<i>Thiloa glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler	C	0,07	3	2	1
Mororó					
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	C	0,02	1	0	1
Pereiro					
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	C	0,02	1	0	1
Pinhão bravo					
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	L	0,02	1	1	0

A obtenção dos remédios se deu mediante a utilização de partes extraídas das plantas, como casca, entrecasca, folhas e o látex (Tabela 1 e 2). Dentre essas partes usadas, a que recebeu maior relevância, em ambas as comunidades, foi a casca (81%), seguida da entrecasca (11%), as quais são usadas principalmente em molhos, decocções e garrafadas.

As espécies citadas que possuem efeitos fitoterápicos apresentam potencial utilitário no tratamento de 26 indicações terapêuticas. A indicação terapêutica de maior citação em Coelho (Remígio) foi à lavagem uterina pós-parto, com o uso de *M. urundeuva*, *C. flexuosa* e *Thiloa Glaucoarpa* (joão mole). Além dessas espécies, em Capivara *Ziziphus joazeiro* (juazeiro) também é utilizado.

Em Solânea, o gogo de galinha foi a doença mais comum, sendo tratada com *M. Urundeuva*, *Amburana cearensis* (cumaru), *Anadenanthera colubrina* (angico) e *C. flexuosa*. As espécies *M. urundeuva*, *A. colubrina* e *C. flexuosa* também foram citados em Remígio para o tratamento da mesma enfermidade.

*Cynophalla flexuosa* recebeu o maior número de indicações terapêuticas, tendo 11 em Capivara e 08 em Coelho. A principal via de administração foi por via oral com o uso de garrafadas, decocções ou molhos (tabelas 4 e 5).

**Tabela 3:** Identificação da importância local das espécies vegetais segundo seu valor de uso geral, atual e potencial descritos pelos entrevistados nas comunidades Coelho em Remígio e Capivara em Solânea, Paraíba (Nordeste do Brasil).

Comunidade	Espécies	Nome	VU	VU	VU
		Vernacular	geral	atual	potencial
Capivara	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico	0,034	0,017	0,017
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	0,013	0,012	0,01
	<i>Maytenus rigida</i> Mart	Bom-nome	0,008	0,008	-
	<i>Poincianella pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	0,008	-	0,008
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	Cumarú	0,017	0,017	-
	<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Prese	Feijão-bravo	0,365	0,312	0,053
	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillet	Imburana	0,008	-	0,008
	<i>Thiloa glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler	João mole	0,07	0,044	0,026
	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	0,016	0,008	0,008
	<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	Marmeleiro	0,026	0,026	-
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud	Mororó	0,008	0,008	-
	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	0,052	0,017	0,035
	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão bravo	0,025	0,008	0,017
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum	Quina-quina	0,008	-	0,008	
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	0,008	0,008	-	

Coelho	<i>Croton rhamnifolius</i> Kunth.	Velame	0,008	0,008	-
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	0,13	0,08	0,05
	<i>Maytenus rigida</i> Mart	Bom-nome	0,02	0,02	-
	<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Prese	Feijão-bravo	0,21	0,08	0,13
	<i>Thiloa glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler	João mole	0,07	0,05	0,02
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud	Mororó	0,02	0,02	-
	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	0,02	-	0,02
	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão bravo	0,02	0,02	-

**Tabela 4:** Espécies de importância fitoterápicas – indicação terapêutica, forma de preparo e partes utilizadas para o tratamento de animais descritas pelos entrevistados na comunidade de Capivara localizada em Solânea, Paraíba (Nordeste do Brasil).

Família/ Espécie/ Nome Vernacular	Enfermidades tratadas segundo diagnóstico popular	Receituário Popular
<b>ANACARDIACEAE</b>		
	Inflamação	- Molho da entrecasca, uso tópico; - Decocção (casca), uso tópico
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão (Aroeira)	Gogo de galinha	- Molho da casca ou entrecasca, uso oral; - Coloca casca no bebedouro, uso oral
	Lavagem uterina pós-parto	- Garrafada da casca, uso oral; - Molho da casca, uso tópico e oral
<b>APOCYNACEAE</b>		
	Carrapaticida	- Molho da casca, uso tópico
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart. (Pereiro)	Sarna	- Molho da casca, uso tópico
	Raiva	- Decocção da casca ou molho da entrecasca, uso oral
<b>BURSERACEAE</b>		

<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillet (Imburana)	Ferimento	- Bebe látex
<b>CAPPARACEAE</b>		
<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Prese (Feijão brabo)	Barriga inchada	- Molho da casca e depois garrafada, uso oral; - Torra, bate no pilão com alho e depois faz molho da casca, uso oral; - Molho da casca com ou sem sal, uso oral; - Decocção da casca, uso oral; - Garrafada da casca, coloca alho ou não, uso oral; - Garrafada da folha, pisa no pilão com alho e feijão macassa, espreme, uso oral; - Molho da casca, uso oral
	Doença no casco	- Garrafada da casca, uso oral; - Molho da casca, uso oral
	Febre	- Molho da entrecasca, uso oral - Molho da casca ou entrecasca, uso oral
	Febre aftosa	- Molho da casca, uso oral
	Gogo de galinha	- Decocção ou molho da casca, uso oral
	Limpeza intestinal	- Garrafada com casca pisada, uso oral
	Lavagem uterina pós-parto	- Garrafada com casca, uso oral
	Mal triste	- Garrafada, decocção ou molho da casca, uso oral
	Verme	- Molho da casca ou entrecasca, uso oral
	Mordida de cobra	- Garrafada da casca ou entrecasca, uso oral
Raiva	- Decocção da casca, uso oral	
<b>CELASTRACEAE</b>		
<i>Maytenus rigida</i> Mart. (Bom nome)	Barriga inchada	- Molho da casca, uso oral
<b>COMBRETACEAE</b>		

	Evitar aborto (preventivo)	- Molho da folha, uso oral
<i>Thiloa glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler (João mole)	Lavagem uterina pós-parto	- Pisa folha e dá líquido para animal; - Molho da casca, uso oral; - Decocção da folha, broto da folha ou casca, uso oral
	Raiva	- Molho da casca, uso oral
<b>EUPHORBIACEAE</b>		
<i>Croton blanchetianus</i> Baill. (Marmeleiro)	Dor de barriga	- Dar a casca para animal comer; - Decocção da casca, uso oral; - Molho da casca, uso oral
<i>Croton rhamnifolius</i> Kunth. (Velame)	Barriga inchada	- Molho da casca, uso oral
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill. (Pinhão bravo)	Mordida de cobra	- Bebe látex e bota no ferimento; - Bebe o látex dissolvido em 2 litros de água; - Látex no ferimento, uso tópico
<b>FABACEAE</b>		
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm (Cumarú)	Gogo de galinha	- Coloca casca no cocho, uso oral
	Gogo de galinha	- Molho da casca, via oral; - Queima casca, pisa, deixa na água, via oral
	Inflamação	- Raspa a casca, decocção com sal; via oral
	Caroço	- Molho da casca, via oral
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan (Angico)	Cicatrizante	- Decocção (casca); uso tópico
	Ferimento	- Molho da casca ou entrecasca, uso tópico
	Infecção	- Molho da casca, uso oral - Decocção (casca), uso oral
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud. (Mororó)	Raiva	- Molho da casca
	Não conseguir abrir a boca	- Molho da casca, depois a garrafada, uso oral
<i>Poincianella pyramidalis</i> Tul. (Catingueira)	Raiva	- Molho da casca, uso oral
<b>RHAMNACEAE</b>		

<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart. (Juazeiro)	Lavagem uterina pós-parto	- Molho da casca, uso oral
	Coceira	- Molho da casca, uso tópico
<b>RUBIACEAE</b>		
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum. (Quina-quina)	Raiva	- Garrafada da casca, uso oral
<b>SAPOTACEAE</b>		
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem & Schult.) T. D. Penn. (Quixabeira)	Raiva	- Molho, depois a garrafada da casca, uso oral

**Tabela 5:** Espécies de importância fitoterápicas – indicação terapêutica, forma de preparo e partes utilizadas para o tratamento de animais descritas pelos entrevistados na comunidade de Coelhos localizada em Remígio, Paraíba (Nordeste do Brasil).

Família/ Espécie/ Nome Vernacular	Enfermidades tratadas segundo diagnóstico popular	Receituário popular
<b>ANACARDIACEAE</b>		
		- Molho com a entrecasca e mistura com azeite preto, uso oral
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão (Aroeira)	Lavagem uterina pós-parto	- Cozinha com baraúna, uso tópico
		- Molho da casca, uso tópico
	Gogo de galinha	- Molho da entrecasca, uso oral
<b>APOCYNACEAE</b>		
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.(Pereiro)	Matar carrapato	- Molho da casca, uso tópico
<b>CAPPARACEAE</b>		
	Gogo de galinha	
<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Prese (Feijão bravo)	Gogo de porco	- Molho da casca, uso oral
	Lavagem uterina pós-parto	

	Inflamação	- Molho da entecasca, uso oral
	Pelo arrepiado	- Molho com a casca raspada e pisada, cõa, uso oral
<b>CELASTRACEAE</b>		
<i>Maytenus rigida</i> Mart. (Bom-nome)	Gogo de galinha	- Molho da casca, uso oral
	Diarreia	- Espreme raspa da casca na água, uso oral
<b>COMBRETACEAE</b>		
		- Molho da casca, uso oral
<i>Thiloa glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler (João mole)	Lavagem uterina pós-parto	- Decocção da casca, cõa, uso oral
		- Garrafada da casca junto com casca de fedegoso, uso oral
<b>EUPHORBIACEAE</b>		
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill. (Pinhão bravo)	Mordida de cobra	- uso direto do látex, oral
<b>FABACEAE</b>		
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud. (Mororó)	Gogo de galinha	- Molho da casca, uso oral

De acordo com 56% dos entrevistados na comunidade Capivara e 65% em Coelho, a transmissão de conhecimento se dar por meio oral de pai para filho. Cerca de 13% em Capivara e 10% em Coelho afirmam que a geração de conhecimento deu-se a partir de conversas com amigos, vizinhos e familiares. A outra geração de conhecimento encontrada foi a autoaprendizagem, onde o próprio entrevistado, pelo método do erro e acerto, adquiriu o conhecimento das propriedades fitoterápicas das plantas. Nas comunidades Coelho e Capivara também foram encontradas gerações de conhecimento mistas, onde tanto os entrevistados tinham adquirido o conhecimento através dos pais, como também por amigos/vizinhos, com uma minoria tendo adquirido o conhecimento por autoaprendizagem: 6,6% em Solanêa e 5% em Remígio.

---

No tocante a disseminação dos conhecimentos, verificou-se que quase metade dos entrevistados de Coelho (45%) não passam seus conhecimentos para familiares, vizinhos ou parentes. Já na comunidade Capivara, somente 18,6% não transmitem seu conhecimento. A passagem de conhecimento mais usada em ambas as comunidades entrevistadas foi a circular, ou passada para amigos e vizinhos.

## **DISCUSSÃO**

Nos resultados obtivemos um maior número de citação descritas pelos homens, contudo as atribuídas pelas mulheres assemelharam-se aos dados descritos pelos primeiros. Levando em consideração o número total de informantes, o número de mulheres entrevistadas foi maior do que de homens, assim, esses possivelmente possuem maior conhecimento dentro da categoria. O mesmo contexto foi referenciado por Marinho et al. (2007), os quais justificam essa possível contextualização pelo fato dos homens possuírem maior envolvimento com as práticas veterinárias. De acordo com Toledo e Barreira (2010) a diferença de conhecimento entre os gêneros ocorre devido às diferenças na percepção ambiental sobre as espécies. Voeks (2007) atribui isso às variações de papéis que cada um cumpre na sociedade e conseqüentemente nas atividades com o meio. Demais estudos corroboram com a afirmativa, mostrando a distinção do conhecimento florestal de homens e mulheres (CARVALHO et al., 2012, SILVA et al., 2014, LUCENA et al. 2017). As famílias com maior número de espécies citadas pelos moradores de Solânea (Fabaceae e Euphorbiaceae) para o uso veterinário são descritas na literatura com grande importância de uso não apenas na categoria, mas para demais fins utilitários (ARÉVALO-MARÍN et al., 2015; CREPALDI et al., 2016; SILVA et al., 2014). Estudos florísticos e fitossociológicos na Paraíba tem observado também um maior número de espécies destas duas famílias na vegetação local (LACERDA et al., 2010; TROVÃO et al., 2010) sugerindo uma relação entre biodiversidade, o conhecimento e recurso vegetal.

) A espécie que foi atribuída maior importância nos municípios (*C. flexuosa*) é amplamente conhecida e utilizada no Nordeste brasileiro (AGRA et al., 2008), esta mesma planta foi considerada prioritária para conservação, entretanto, esta prioridade provavelmente se deu em função da baixa distribuição natural da espécie (SOUZA et al., 2017). Tratando do valor de uso geral, atual e potencial vale salientar que a importância dada a *C. flexuosa* pelos moradores nas regiões não se modifica quando realizada a distinção, se destacando também em Remígio *M. urundeuva* com  $VU_{atual}$  semelhante ao de *C. flexuosa* (0,08).

Algumas outras espécies citadas para uso medicinal em animais são reconhecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) como fitoterápicas, isto é, plantas de uso medicinal testado e reconhecido por meio de testes laboratoriais. Entre estas espécies citadas no presente estudo, *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan é reconhecida como fitoterápico de propriedades cicatrizantes (CARVALHO et al., 2018), e essa informação confirma o uso cicatrizante atribuído a esta espécie na comunidade Capivara.

O uso da casca de *C. flexuosa* para mordida de cobra registrado na comunidade de Solânea também foi encontrado em pesquisas realizadas em outras áreas do nordeste brasileiro (ALBUQUERQUE, 2006). As outras plantas reportadas também foram descritas em Albuquerque (2006) e Agra et al. (2008) para o tratamento de doenças similares: o uso da casca de *M. urundeuva*, *A. pyrifolium* e *Maytenus rigida* servindo como antiinflamatório. O uso do *A. cearensis* em seres humanos para tosse, bronquite e gripe podem se assimilar ao seu uso na etnoveterinária para o gogo de galinha, e a utilização do látex do *Jatropha mollissima* para tratar mordidas de cobra.

*Flovet, v.1, n. 10, p. 37-60. 2018*

Entre os municípios podemos notar que das sete espécies citadas em Remígio, todas foram citadas em Solânea e cinco delas tiveram similaridades nas partes usadas e indicações terapêuticas: a casca de *M. urundeuva* e *T. glaucocarpa* sendo usada para lavar/

*Flovet, v.1, n. 10, p. 37-60. 2018*

---

lavagem uterina pós-parto, a casca do *C. flexuosa* para gogo de galinha e lavagem uterina pós-parto, a casca de *A. pyrifolium* para dar banhos como carrapaticida e *J. mollissima* que é ingerido o látex ou passado no local em casos de mordida de cobra. Isto indica traços de que essas plantas realmente possam ser eficazes quando usadas para as indicações terapêuticas citadas (GIDAY et al., 2009), já que foram reportadas por mais de um informante e em ambos os municípios.

Diferente dos resultados obtidos em pesquisas realizadas no litoral nordestino (GAZZANEO et al., 2005), as partes mais usadas foram a casca e a entrecasca. De acordo com as citações, notamos que as folhas foram as menos citadas como uso, provavelmente pelo fato de que o local que foram realizadas as entrevistas encontra-se no semiárido, região da caatinga onde a vegetação não apresenta folhas durante todo o ano, portanto, as pessoas tendem a usar as partes das plantas que estão continuamente disponíveis, como é o caso das cascas (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002).

Em relação aos modos de preparo das plantas utilizadas na etnoveterinária local, percebemos que não é muito comum a realização de mistura entre espécies, ou seja, normalmente se usa somente uma espécie para a preparação dos fitoterápicos, corroborando com a pesquisa de Monteiro et al. (2011) e se diferenciando de Bonet et al., (2006) onde grande parte das espécies pesquisadas e citadas tinham modos de preparo realizado através de misturadas de espécies vegetais, visando aumento na eficácia do medicamento.

A principal via de administração usada pelos entrevistados foi via oral, dessa forma, os medicamentos são preparados por decocção, molho ou “garrafada”. A última expressão é usada por Agra et al. (2007), para indicar uma preparação feita com plantas que são maceradas e colocadas por determinado tempo em uma substância alcoólica, como por exemplo, cachaça, vinho, dentre outros. Essas formas, segundo Agra et al. (2007), são as mais comuns vias de administração e modo de preparo.

---

Os informantes não descreveram duração ou dosagens para cada tratamento, fato observado em outras pesquisas etnoveterinárias (TABUTI et al., 2003, FAROOQ et al., 2008, HUSSAIN et al., 2008, GIDAY et al., 2009). Devido a isso, veterinários tendem a não acreditar no efeito desses fitoterápicos produzidos localmente e por isso fazem uso de medicamentos alopáticos (FAROOQ et al., 2008).

As populações locais estudadas mostraram nos resultados o quanto ainda usam seu conhecimento etnoveterinário no dia-a-dia, chegando a uma porcentagem de 72% nas citações de uso atual. Enfatizando a confiança que têm nas plantas indicadas, além do baixo poder de aquisição para a compra de remédios alopáticos e/ou falta de serviços veterinários, como visto também na pesquisa de Monteiro et al. (2011) realizada na ilha do Marajó.

Tanto no município de Solânea como no de Remígio, vimos que a principal transmissão de conhecimento etnoveterinário foram passadas de geração a geração. Esse tipo de transmissão de conhecimento é reportado em outro município da Paraíba (BARBOZA et al., 2007), e demais região do Brasil (MONTEIRO et al., 2011), como sendo uma das principais formas de se passar o conhecimento. Com isso, essa transmissão permite acumular e perpetuar o conhecimento desenvolvido ao longo da história do ser humano. Além disso, nos dá chance de obtermos informações úteis para a ciência e para futuras pesquisas, apesar do fato de ter sido registrado nas comunidades estudadas o desinteresse na manutenção a transmissão de saber tão importante localmente.

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se que muitos dos entrevistados ainda fazem o uso de plantas medicinais localmente disponíveis na veterinária. A efetividade terapêutica das espécies citadas precisa ser testada cientificamente para poder ser utilizada futuramente em programas de assistência veterinária da região e garantir a perpetuação da transmissão de conhecimentos adquiridos ao longo das gerações.

---

## REFERÊNCIAS

AGRA, M.F.; SILVA, K.N.; BASÍLIO, I.J.L.D.; FREITAS, P.F.; BARBOSA-FILHO, J.M. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 18, p. 473 – 508, 2008.

AGRA, M.F.; BARACHO, G.S.; NURIT K.; BASÍLIO I.J.L.D.; COELHO V.P.M. Medicinal and poisonous diversity of the flora of “Cariri Paraibano”, Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 111, p. 383-395, 2007.

ALAWA, J.P.; JOKTHAN, G.E.; AKUT, K. Ethnoveterinary medical practice for ruminants in the subhumid zone of northern Nigéria. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 54, p. 79-90, 2002.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica, *NUPEEA*: Recife, p. 39-64, 2010a.

ALBUQUERQUE, U.P.; MEDEIROS, P.M.; ALMEIDA, A.L.S. Noções de estatística inferencial aplicada à etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica, *NUPEEA*: Recife, p. 529-559, 2010b.

ALBUQUERQUE, U.P. Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 2, n. 30, 2006.

ALMEIDA, K.S.; FREITAS, F.L.F.; PEREIRA, T.F.C. Etnoveterinária: a fitoterapia na visão do futuro profissional veterinário. *Revista Verde*, v.1, n.1, p.67-74, 2006.

ALMEIDA, C.F.C.B.R.; ALBUQUERQUE, U.P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. *Interciencia*, v. 27, p. 276-285. 2002.

ALVES, R. R. N.; SOARES, T. C.; MOURÃO, J. S. Uso de animais medicinais na comunidade de Bom Sucso, Soledade, Estado da Paraíba, Brasil. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, v. 8, p. 142-147, 2008.

ARÉVALO-MARÍN, E.; LIMA, J. R. F.; PALMA, A. R. T. P.; LUCENA, R. F. P.; CRUZ, D. D. Traditional Knowledge in a Rural Community in the Semi- Arid Region of Brazil: Age and gender patterns and their implications for plant conservation. *Ethnobotany Research & Applications*, v. 14, p. 331-344, 2015.

---

BARBOZA, R. R. D.; ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. Etnoveterinária: o conhecimento milenar que cura e trata os animais. In: COSTA-NETO, E. M.; ALVES, R. R. N. Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira. *NUPEEA*: Recife, p. 103-125, 2010.

BARBOZA, R. R. D.; SOUTO, W.M.S.; MOURÃO, J. S. The use of zootherapeutics in folk veterinary medicine in the district of Cubati, Paraíba State, Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 3, p. 1-14, 2007.

BONET, M.A.; VALLES, J. Ethnobotany of Montseny biosphere reserve (Catalonia, Iberian Peninsula): Plants used in veterinary medicine. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 110, p. 130–147, 2006.

BRITO-JUNIOR, L.; SILVA, M. L. C. R.; LIMA, F. H.; ATHAYDE, A. C. R.; SILVA, W. W.; RODRIGUES, O. G. Estudo comparativo da ação anti-helmíntica de batata de purga (*Oeperculina hamiltonii*) e do melão de são Caetano (*Mormodica charantia*) em caprinos (*Capra hircus*) naturalmente infectados. *Ciênc. agrotec*, v. 35, n. 4, p. 797-802, 2011.

CARVALHO, T. K. N.; SOUSA, R. F.; MENESES, S. S. S.; RIBEIRO, J. P. O.; FELIX, L. P.; LUCENA, R. F. P. Plantas usadas por uma comunidade rural na Depressão sertaneja no nordeste do Brasil. *Revista de Biologia e Farmácia*. Volume especial. p.92-120, 2012.

CARVALHO, A. C. B.; LANA, T. N.; PERFEITO, J. P. S.; SILVEIRA, D. The Brazilian market of herbal medicinal products and the impacts of the new legislation on traditional medicines. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 212, p. 29–35, 2018.

CONFESSOR, M. V. A.; MENDONÇA, L. E.; MOURÃO, J. S.; ALVES, R. R. N. Animals to heal animals: ethnoveterinary practices in semiarid region, Northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 5, n. 37, 2009.

CREPALDI, C. G. CAMPOS, J. L.A. ALBUQUERQUE, U. P. SALES, M. F. Richness and ethnobotany of the family Euphorbiaceae in a tropical semiarid landscape of Northeastern Brazil. *South African Journal of Botany*, v. 102, p. 157–165, 2016.

FAROOQ, Z.; IQBAL, Z.; MUSHTAQ, S.; MUHAMMAD, G.; ZAFAR, M.; IQBAL ARSHAD, M. Ethnoveterinary practices for the treatment of parasitic diseases in livestock in Cholistan desert (Pakistan). *Journal of Ethnopharmacology*, v. 118, p. 213-219, 2008.

GAZZANEO, L. R. S.; LUCENA, R. F. P.; ALBUQUERQUE, U. P. Knowledge and use of medicinal plants by local specialists in an region of Atlantic Forest in the state of Pernambuco (Northeastern Brazil). *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 1, n. 9, 2005.

GIDAY, M.; ASFAW, Z.; WOLDU, Z. Medicinal plants of the Meinit ethnic group of Ethiopia: An ethnobotanical study. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 124, p. 513-521, 2009.  
*Flovet*, v.1, n. 10, p. 37-60. 2018

---

GUERRA, N. M.; RIBEIRO, J. E. S.; CARVALHO, T. K. N.; PEDROSA, K. M.; FELIX, L. P.; LUCENA, R. F. P. Usos locais de espécies vegetais nativas em uma comunidade rural no Semiárido Nordeste (São Mamede, Paraíba, Brasil). *Biofar*, v. Especial, p. 184–209, 2012.

HUSSAIN A.; KHAN, M.N.; IQBAL, Z.; SAJID, M.S. An account of the botanical anthelmintics used in traditional veterinary practices in Sahiwal district of Punjab, Pakistan. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 119, p. 185-190, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: Agosto, 2013.

LACERDA, A. V.; BARBOSA, F. M.; SOARES, J. J.; BARBOSA, M. R. V. Flora arbustiva-arbórea de três áreas ribeirinhas no semiárido paraibano, Brasil. *Biota Neotropica*, v. 10, n. 4, p. 277–284, 2010.

LIMA, J. R. F.; ALVES, C. A. B.; RIBEIRO, J. E. S.; CRUZ, D. D.; MOURÃO, J. S.; TORRE CUADROS, M. L. A.; LUCENA, R. F. P. Uso e disponibilidade de espécies vegetais nativas no semiárido do Nordeste do Brasil: uma análise da hipótese da aparência ecológica. *REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA*, v. 10, n. 1, p. 110-131, 2016.

LUCENA, R. F. P.; PEDROSA, K. M.; CARVALHO, T. K. N.; GUERRA, N. M.; RIBEIRO, J. E. S.; FERREIRA, E. C. Conhecimento local e uso de espécies vegetais nativas da região da Serra de Santa Catarina, Paraíba, Nordeste do Brasil. *FLOVET*, v.1, n.9, 2017.

MAIA, A. C. P.; PAIVA, P. C. B.; FERREIRA, E. C.; PEREIRA, R. F. P. L.; BELARMINO, N. A. L. A.; NUNES, G. M.; ALVES, C. A. B.; LUCENA, R. F. P. A fitoterapia sob a ótica dos profissionais de saúde no Brasil nos últimos 10 anos. *Gaia Scientia*, v. 10, n. 4, p. 658-670, 2016.

MARINHO, M. L.; ALVES, M. S.; RODRIGUES, M. L. C.; ROIONDANO, T. E. F.; VIDAL, I. F.; SILVA, W. W.; ATHAYDE, A. C. R. A utilização de plantas medicinais em medicina veterinária: um resgate do saber popular. *Revista Brasileira de Plantas medicinais*, v. 9, n. 3, p. 64-69, 2007.

MCCORKLE, C.M.; MATHIAS-MUNDY, E. Ethnoveterinary Medicine in Africa. *Africa: Journal of the International African Institute*, v. 62, n. 1, p. 59-93, 1992.

MONTEIRO, M. V. B.; BEVILAQUA, C. M. L.; PALHA, M. D. C.; BRAGA, R. R.; SCHWANKE, K.; RODRIGUES, S. T.; LAMEIRA, O. A. Ethnoveterinary knowledge of the inhabitants of Marajó Island, Eastern Amazonia, Brazil. *Acta Amazonica*, v. 41, p. 233-242, 2011.

PASSALACQUA, N. G.; FINE, G.; GUARRERA, P. M. 2006. Contribution to the knowledge of the veterinary science and of the ethnobotany in Calabria region (Southern Italy). *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 2, n. 52, 2006.

*Flovet*, v.1, n. 10, p. 37-60. 2018

---

PEREIRA, I. M.; ANDRADE, L. A.; BARBOSA, M. R. V.; SAMPAIO, E. V. S. B. Composição florística e análise fitossociológica do componente arbustivo-arbóreo de um remanescente florestal no agreste paraibano. *Acta botanica brasílica*, v. 16, n. 3, p. 357–369, 2002.

SILVA, N.; LUCENA, R. F. P.; LIMA, J. R. F.; LIMA, G. D. S.; CARVALHO, T. K. N.; SOUSA-JÚNIOR, S. P.; ALVES, C. A. B. Conhecimento e uso da vegetação nativa da Caatinga em uma comunidade rural da Paraíba, Nordeste do Brasil. *Boletim do Museu Mello Leitão*, v. 34, p. 5–37, 2014.

SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S.; BARBOZA, R. R. D.; MENDONÇA, L. E. T.; LUCENA, R. F. P.; CONFESSOR, M. V. A.; VIEIRA, W. L. S.; MONTENEGRO, P. F. G. P.; LOPEZ, L. C. S.; ALVES, R. R. N. Medicinal animals used in Ethnoveterinary practices of the Cariri Paraibano, NE Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 7, n. 30, 2011a.

SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S.; BARBOZA, R. R. D.; ALVES, R. R. N. Parallels between zootherapeutic practices in ethnoveterinary and human complementary medicine in northeastern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 134, p. 753-767, 2011b.

SOUZA, A. S.; ALBUQUERQUE, U. P.; NASCIMENTO, A. L. B.; SANTORO, F. R.; TORRES-AVILEZ, W. M.; LUCENA, R. F. P.; MONTEIRO, J. M.; SOUZA, A. S.; MONTEIRO, J. M. Temporal evaluation of the Conservation Priority Index for medicinal plants. *Acta Botanica Brasílica*, v. 31, n. 2, p. 169–179. 2017.

TOLEDO, V. M.; BARREIRA, B. N. A etnoecologia: Uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: SILVA, V. A.; ALMEIDA, A. L. S.; ALBUQUERQUE, U. P. (Eds). *Etnobiologia e etnoecologia: Pessoas e Natureza na América Latina*: Recife, p. 14-36, 2010.

TROVÃO, D. M. B. M.; FREIRE, A. M.; MELO, J. I. M. Florística e fitossociologia do componente lenhoso da mata ciliar do riacho de Bodocongó, Semiárido paraibano. *Revista Caatinga*, v. 23, n. 2, p. 78–86, 2010.

TABUTI, J. R. S.; DHILLION, S. S.; LYE, K. A. Ethnoveterinary medicines for cattle (*Bos indicus*) in Bulamogi county, Uganda: plant species and mode of use. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 88, p. 279-286, 2003.

TOYANG, N.J.; WANYAMA, J.; NUWANYAKPA, M.; DJANGO, S. Medicina etnoveterinária: uma abordagem prática do tratamento de doenças de gado na África sub-saariana. Netherlands: Agromisa Foundation and CTA. *Ed. Wageningen*, v. 2, 2007.

VAN VEEN, T.W.S. One medicine: The dynamic relationship between animal and human medicine in history and present. *Agriculture and Human Values*. 15: 115-120, 1998.

VOEKS, R. A. Are Women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in Northeast Brazil. *Singapore Journal of Tropical Geography*, v. 28, n. 1, p. 7-20, 2007.

*Flovet*, v.1, n. 10, p. 37-60. 2018